

Editorial

Coube-me presidir ao Conselho Cultural da UMinho num tempo de grandes mudanças na Universidade Portuguesa, de profunda transformação jurídico-legal da UMinho e em tempo de restrições orçamentais severas a nível nacional, com convulsões profundas no mundo e alterações nunca vistas a nível internacional. Assim, o quadro não parecia animador.

Como é por todos sabido, nos tempos de austeridade e mudanças estruturais, a cultura é sempre a primeira a ser sacrificada, esquecida, negligenciada porque há que valer ao mais urgente e inadiável, à sobrevivência.

A UMinho tinha já uma forte tradição de inovação, nomeadamente na própria estrutura matricial que havia adotado na sua génese. Esta flexibilidade estrutural permitiu-lhe criar um Conselho Cultural – e viver largos anos como a única Universidade com uma estrutura cultural centralizada, diretamente dependente da Reitoria e articulando-se com todas as estruturas culturais da Universidade. Isto permitiu desenvolver fortemente esta área, com contributos muito distintos que iam do Arquivo Distrital à Unidade de Arqueologia, dos Museus às Bibliotecas. A Universidade tinha sido privilegiada com uma herança patrimonial riquíssima que enquanto Universidade nova soube enquadrar, integrar e modernizar, de forma ímpar, criando as Unidades Culturais.

Era pois grande a minha responsabilidade. Os meus antecessores tinham sabido *levar a carta a Garcia* de forma sábia – recordo aqui o Prof. Lúcio Craveiro da Silva, primeiro presidente do Conselho Cultural e seu principal obreiro e, mais recentemente a minha colega Ana Gabriela Macedo, a quem substituí no cargo e que de forma tão inovadora soube dar ao Conselho Cultural uma contemporaneidade que a todos agradou. Tinha do meu lado uma equipa de colaboradores extraordinária, com vasta experiência e conhecimento da Universidade e do seu entorno.

O desafio de levar a efeito iniciativas que, ligadas de formas diversas à arte e à cultura, viessem a dinamizar o complexo do Largo do Paço, afinal não foi difícil de desenvolver. A excecional abertura com que contámos dos agentes culturais de Braga e Guimarães, bem como de outros bem mais distantes, sempre disponíveis para acolher as nossas propostas de parceria, foi muito motivadora e gratificante. Permitiu constituir associações que suportaram financeiramente eventos que de outro modo não poderíamos realizar.

O acolhimento e as propostas de colaboração que Escolas, Institutos e Departamentos de dentro da Universidade foram colocando, permitiram dar visibilidade à dimensão cultural das diversas temáticas científicas e pedagógicas, articulando centros de investigação, departamentos e Unidades Culturais e afirmando na prática o papel eminentemente cultural da Universidade no seu todo.

O trabalho bem próximo com os estudantes, nomeadamente com a Rádio Universitária – RUM – levando a efeito iniciativas conjuntas, tem sido igualmente uma constante que, me congratula destacar.

As instituições que de norte a sul do país solicitam a itinerância de algumas das exposições que levamos a cabo ou nos convidam para sermos seus parceiros em lançamentos de livros, organização de conferências, atividades culturais de diversa índole, têm aberto a oportunidade de afirmar e ver reconhecida a qualidade da nossa aposta, constituindo outro grande estímulo.

O trabalho desenvolvido com autonomia no contexto de cada Unidade Cultural, tão qualificado como específico, atingiu uma velocidade de cruzeiro dada a maturidade de cada uma das Unidades – graças à dedicação dos seus

dirigentes e funcionários, que nunca se pouparam a esforços para que com recursos financeiros muito parcos se fizessem grandes obras e se participasse em iniciativas que têm feito a diferença, prestigiando o nome da Universidade do Minho no país e no estrangeiro.

O financiamento atribuído pela Direção Regional da Cultura Norte para a construção do novo edifício do Arquivo Distrital de Braga é um bom exemplo de reconhecimento da qualidade do trabalho desenvolvido por esta Unidade Cultural.

Tal como o é o número de projetos que a Unidade de Arqueologia tem visto financiados e em que é chamada a participar a nível nacional e internacional. A recente atribuição de um espaço condigno – o Convento de S. Francisco – para ser sua sede permanente – é aliás um bom exemplo deste reconhecimento.

A dinâmica do Museu Nogueira da Silva na preservação das suas coleções e na organização de iniciativas da mais diversa índole constitui uma presença permanente da Universidade no centro da cidade de Braga, atraindo consistentemente públicos diferenciados.

Saliente-se também a adesão de públicos alargados às iniciativas da Biblioteca Pública de Braga, na procura de dar a conhecer o seu riquíssimo espólio, assim como a produção literária de grande nível, sempre constante do Centro de Estudos Lusíadas.

E ainda a interface com a Galiza, protagonizada pela Casa Museu de Monção, nas suas diversas iniciativas, que permite aprofundar na vertente cultural as excelentes relações da Universidade do Minho com as Universidades galegas, em desenvolvimento também noutras áreas de atividade da Universidade.

Tudo boas razões para ver este ano de celebração dos 30 anos do Conselho Cultural com um olhar positivo e de esperança no futuro. Será esse um futuro de continuidade nos grandes projetos do Conselho Cultural – as suas Unidades Culturais, já firmadas, francamente consolidadas e com projetos sempre novos, garantia da sua dinâmica e vitalidade. Será esse um futuro de prestígio relativamente ao Prémio Victor Sá de História Contemporânea, sediado no Conselho Cultural há 25 anos e que ganhou tal identidade e consistência que marca a

nível nacional, anualmente, a vida de jovens académicos/investigadores que nele veem a possibilidade de uma chancela de confirmação e notoriedade para a sua carreira. Será esse um futuro também para a FORUM – Revista do Conselho Cultural, que independentemente do formato que possa ter, é sede da unidade na diversidade que caracteriza este Conselho – que não está fechado a acolher novos projetos, outras Unidades Culturais, nomeadamente em Guimarães, onde a Universidade não é de todo alheia ao pulsar da vida cultural.

Num tempo de grandes mudanças, restrições e condicionamentos, o desafio à criatividade torna-se mais forte e o Conselho Cultural tem sabido responder e adaptar-se de forma adequada aos novos tempos.

Estou portanto muito confiante no futuro.

Eduarda Keating

Presidente do Conselho Cultural